

EUA: novo enfoque na questão da dívida.

MOISÉS RABINOVICI, DE WASHINGTON

O governo George Bush deverá abordar o problema da dívida latino-americana com uma estratégia diferente. Será "uma evolução do Plano Baker", segundo uma fonte do Departamento de Estado.

"A percepção é a de que o Plano Baker vai mudar", explicou a mesma fonte, que ainda acrescentou: "Seu autor, o ex-secretário do Tesouro e próximo secretário de Estado, James Baker, vai se mostrar muito mais preocupado com problemas de estabilidade e democracia na América Latina".

O Plano Baker previa a injeção de dinheiro novo nos países endividados que promovessem reformas econômicas estruturais, numa abordagem caso a caso. Faltou num ponto: previa reunir recursos de cerca de US\$ 20 bilhões, mas não conseguiu. Os bancos comerciais internacionais recusaram-se a fechar pacotes até mesmo com bons pagadores, como a Colômbia, ou com importantes aliados, como o vizinho México.

O principal editorial de ontem do **The Washington Post**, "Dívidas latinas, interesses americanos", aponta a direção de uma mudança na política dos EUA para os devedores latino-americanos baseada em dois recentes sinais: os empréstimos de emergência para a Argentina e o México concedidos pelo FMI. Num caso, com US\$ 500 milhões, socorreu-se o presidente Raúl Alfonsín, que "perdia terreno para os populistas peronistas". Noutro caso, com US\$ 3,5 bilhões, o governo americano "quis mostrar que está pronto para dar uma mão em reformas internas e estabilidade democrática".

Brasil: o que muda.

O **Post** chega então à "próxima questão, o Brasil, onde as eleições municipais da semana passada foram uma derrota para o governo e um triunfo para sua oposi-

ção de esquerda". Uma razão para o voto de rejeição ao governo foi a taxa de inflação, agora a 27% ao mês, como continua o editorial, mostrando que o Brasil está desenvolvendo um grande esforço para levantar "um gigantesco superávit comercial para pagar sua dívida externa", embora este seja um processo que agrava seriamente a inflação.

"Quer dizer: o plano para o pagamento da dívida é, ele próprio, inflacionário e desestabilizador", diz o **Post**, concluindo que James Baker, que cuidou do lado financeiro da dívida, vai trabalhar agora com suas implicações políticas e diplomáticas. "A política norte-americana está se tornando mais agressiva e diretamente engajada na defesa dos interesses americanos neste Hemisfério — entre eles, o crescimento econômico e a preservação da democracia".

Um funcionário do governo Reagan que continuará no cargo no novo governo Bush descartou o editorial do **Post**, explicando: "o empréstimo para o México foi uma demonstração de confiança no governo Salinas", que tomará posse dia 1º de dezembro. O outro empréstimo teve a intenção de manter boiando a economia argentina. Para ele, "o que existe, por enquanto, são estudos para uma evolução do Plano Baker, que então passaria a conter um cardápio de opções maior, como o pacote dos bancos comerciais com o Brasil".

Esta mesma fonte também acrescentou que "vamos repensar nossa política para a dívida latino-americana, mas não nos primeiros meses". Como exemplo, mencionou um estudo que o Departamento do Tesouro está fazendo sobre a criação de uma instituição internacional que compraria a dívida, como o governo japonês tem sugerido.